

# RALED

VOL. 20(2) 2020



ARTÍCULO

## **Análise do discurso e lugares do dizer –topoi e tropismos em tempos de resistência política: o caso Georg Floyd**

*(Discourse Analyses and speech 's place  
– topies and tropisms in time of politic  
resistence: the case Georg Floyd)*

---

**ROSÂNGELA A. R. CARREIRA**

Universidade de Goiás – UFG  
Brasil

**RAMON CHAVES**

Pontifícia Universidade Católica/SP - PUC  
Brasil

Recebido: 3 de agosto de 2020 | Aceito: 22 de setembro de 2020

DOI: 10.35956/v.20.n2.2020.p.133-155

## RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar os lugares do dizer na sociedade, partindo das concepções topológico-discursivas trazidas por Maingueneau (2006 2008 2010 e 2015) e ampliadas estudos sobre discurso da negritude e identidade negra. Davis (2015) no que concerne à relação resistência e classe; Buttler (2017) e Goffman (2012) no que diz respeito às concepções relativas aos corpos dos sujeitos e Courtine (2014) e Foucault (1984 e 2000) aos aspectos relacionados ao discurso político e enfrentamentos para compreensão de tropismos discursivos. Trata-se de uma pesquisa de ordem interpretativa orientada pela Análise do Discurso (AD). Para isso, apresenta uma análise sobre lugares do dizer e condições sócio-históricas de produção verificadas a partir da noção de corpos de sujeitos excluídos, tendo como norte e objeto de análise o caso Georg Floyd cujas cenas de enunciação apresentam elementos (para)tópicos, atópicos e tropismos em movimentos discursivos que consolidam ações de resistência política.

**PALAVRAS CHAVE:** *Paratopia. Corpo. Negro. Resistência. Discurso.*

## ABSTRACT

This paper has been goals analyse the speech's place in the society, from the concepts of discourse by Maingueneau (2006 2008 2010 and 2015) about topics and tropism in time of political resistance: the George Floyd case. These categories are expanded with help of *negritude* and black people identity. This research was supported for Davis (2015) especialy the relationship between resistance and social class; Goffman (2012) about subjects bodies; Courtine (2014) and Foucault (1984 and 2000) around political discourse and the confront knowledge about to discursive tropism. This is a interpretative research from discourse analyses. Because this, our *corpora* are discourses around the George Floyd case. These discourse presents enunciation scenes that show the (para)topics, atopics, tropism and discourse movement aspects. That aspects consolidate the political resistance.

**KEYWORDS:** *Paratopy. Body. Black people. Resistance. Discourse.*

## RESUMEN

Este artículo tiene por objetivo analizar los lugares del decir en la sociedad, partiendo de concepciones topológicas y discursivas traídas por Maingueneau (2006 2008 y 2010) y ampliadas por el eje de estudios sobre el discurso e identidad del pueblo negro. Davis (2015) en lo que concierne a la relación resistencia y clase; Battler (2017) y Goffman (2012) respeto a las concepciones relativas a los cuerpos de los sujetos y Courtine (2014) y Foucault (1984 y 2000) respeto a los aspectos relativos al discurso político y confrontos para la comprensión de tropismos discursivos. Se trata de una investigación de orden interpretativo dirigida por el Analisis del Discurso (AD). Para eso, presenta un analisis sobre lugares del decir y las condiciones socio-históricas de producción desde la noción

de cuerpos excluidos, teniendo como eje y objeto el análisis del caso Georg Floyd cuyas escenas de enunciación se nos presentan elementos (para)tópicos, atópicos, mimotópicos y tropismos en movimientos discursivos que se vuelven acciones de resistencia política.

**PALABRAS CLAVE:** *Paratopía. Cuerpo. Negro. Resistencia. Discurso.*

## Introdução

O *Movimento Black Lives Matter* surgiu nos Estados Unidos em 2013, após a morte do adolescente Trayvon Martin e absolvição de seu assassino, gerando manifestações em diferentes cidades. Nasceu como uma campanha *online* e tem como co-fundadoras Alícia Garza, Patrisse Culoors e Opal Tometi, que atuavam juntas na “Organização Negra para Liderança e Dignidade”. Alguns analistas políticos dizem que o movimento é inspirado nos Panteras Negras, contudo, ao contrário desse último, as lideranças são coletivas.<sup>1</sup> Desde então, o movimento tem ganhado força política exigindo posicionamentos de autoridades e ações rígidas em diferentes casos de assassinato, tortura e extermínio de negros americanos e chegou ao Brasil, possivelmente, em 2016.<sup>2</sup>

Os esforços concentrados na luta antirracista perpassam a condição de exclusão cuja matriz histórica interfere nos sujeitos de pele preta na atualidade, dando a estes uma condição distinta em relação aos sujeitos de pele branca no contexto norte-americano e, de maneira parecida, latino-americano. Sendo assim, esses corpos marcados pela exclusão de um “eixo” de privilégios são, eles próprios, condição de produção de enunciados marcados pela exclusão.

A morte de Georg Floyd ocorrida em 25 de maio de 2020 novamente deu visibilidade ao movimento e para uma trágica cena de enunciação, cujas construções de sentido desvelam discurso racista estrutural, lugares sociais e lugares do dizer que merecem ser interpretadas à luz da Análise do Discurso (doravante AD).

A AD desde seu início, seja como disciplina ou como teoria do discurso, tem como princípio conjugar língua/linguagem, História e sujeitos em suas relações com processos enunciativos nas diferentes sociedades para a compreensão das variadas estratégias de construção de sentidos por considerar o discurso um lugar de embates e negociações entre sujeitos, em determinado tempo e espaço. Logo, apresenta em seu bojo a possibilidade de análise dos diferentes lugares do dizer.

Os lugares do dizer são reveladores de posicionamentos e ideologias individuais e coletivos de representatividade importantes para a interpretação e análise da construção de sentidos, uma vez que atitudes de exclusão, preconceito, violência e sectarismo podem apresentar-se de forma a constituir uma cena de enunciação que, ao mesmo tempo que apresenta marcas enunciativas revela também embates na enunciação e nesse viver de sujeitos politicamente demarcados, cujo corpo carrega a memória discursiva e as condições de produção que imprimem maior força de sentidos nas ações dos sujeitos enunciativos atravessados por experiências discursivas.

Esta investigação nasce com o objetivo de analisar as cenas de enunciação geradas pelo caso George Flyod, no sentido de aplicar na análise as concepções de *topos* discursivo e condições histó-

- 
- 1 Síntese de informações presentes em [www.blacklivesmatter.com](http://www.blacklivesmatter.com) e em diferentes jornais atuais como El país e Times.
  - 2 Optamos por usar o modalizador “possivelmente”, porque aparentemente não teve o mesmo alcance junto ao público, uma vez que os coletivos e Movimento negro no Brasil ainda luta muito por políticas afirmativas e justiça, muito antes da chegada de qualquer movimento externo. Cumpre ressaltar que a luta dos movimentos nacionais é ampla, antiga e muito difícil e não vemos a mesma mobilização local, uma vez que vidas pretas são tiradas todos os dias no país.

ricas de produção exploradas por Maingueneau (2010) no que concerne à *atopia*, *tropismos* e *sombras* associadas às concepções de Davis (2015), Foucault (2000) e Bhabha (2014) sobre resistência, poder e discurso racista. Para isso, utilizamos como *corpora* enunciados extraídos da mídia nacional e internacional,<sup>3</sup> considerando-os em sua gênese como processos de enunciação para observar sua relação com a forma como foi divulgado o assassinato e, em seguida, as mobilizações para verificarmos: como o discurso racista (*atópico*) mobiliza-se na sociedade tópica, bem como as ações e condições de produção podem levar esse discurso a estar presente tanto em *paratopia*, quanto em *tropismos* quanto em *sombras*, para usar os termos usados por Maingueneau (2006 e 2010) sobre os lugares do dizer. Assim, aplicamos a AD de forma qualitativo-interpretativa para buscar primeiras impressões para essa inquietação e verificamos que há entre-lugares discursivos que demandam e constroem a resistência, bem como admitimos que corpos negros carregam em si uma memória discursiva que o transforma coparticipante simbólico das condições sócio-históricas e culturais na sociedade tópica.

## 1. Os lugares do dizer: entre-lugar e resistência

### 1.1. Lugares, espaços e multiverso discursivo

No lugar discursivo as relações de embates ocorrem por meio de relações entre ideologias e posicionamentos que se contrapõem. Os lugares do existir permitem que indivíduos demarquem seu lugar de fala<sup>4</sup> dentro da sociedade como forma de existir e resistir aos contratempos impostos pelas relações sócio-culturais. Nesses espaços de existência, por meio da linguagem, enunciadores e co-enunciadores são criados através de múltiplos processos de interação. Nesses processos, por sua vez, um contexto linguístico é arquitetado e a *proxêmica*<sup>5</sup> dos dizeres se estabelece. Esse *design*, contudo, traça uma arquitetura de sentidos em que lugares do dizer nem sempre estão claramente postos no enunciado e sujeitos nem sempre estão claramente identificados.

Ao serem divulgadas as imagens do extermínio de Georg Floyd temos, então, espaços sociais historicamente instituídos que são mobilizados da memória discursiva para a dimensão do dizer.

Foucault (2000), buscando resposta para a indagação sobre onde poderiam avizinhar-se o lugar das coisas relativas à monstruosidade senão mesmo no “não-lugar da linguagem”, admite que há palavras que ultrapassam o lugar-comum, uma vez que

---

3 Conferir fontes nas análises.

4 Assumimos *lugar do dizer* como o lugar da enunciação como é utilizado por Bordieu, Orlandi e Foucault e lugar de fala como o posicionamento social dos sujeitos, conforme popularizado por Djamila Ribeiro no livro “O que é lugar de fala?” publicado em 2017.

5 Termo ressignificado por Carreira (2015) cunhado de Aristóteles e resgatado por: HALL, Edward T. 1977. *A dimensão oculta*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. (originalmente publicado em 1966).

\_\_\_\_\_ 1959. *The silent language*. N.Y: Doubleday.

as utopias consolam: é que, se elas não têm lugar real, desabroçam, contudo, num espaço maravilhoso e liso; abrem cidades com vastas avenidas, jardins bem plantados, regiões fáceis, ainda que o acesso a elas seja quimérico. As heterotopias inquietam, sem dúvida porque solapam secretamente a linguagem, porque impedem de nomear isto e aquilo, porque fracionam os nomes comuns ou os emaranham, porque arruinam de antemão a “sintaxe”, e não somente aquela que constrói as frases — aquela, menos manifesta, que autoriza “manter juntos “ (ao lado e em frente umas das outras) as palavras e as coisas (Foucault 2000:13).

Os *lugares do dizer* constroem, assim, lugares outros, lugares múltiplos, por meio do discurso e por condições sócio-históricas que fortalecem o que é dito e interpretado pelos interlocutores, multiversos discursivos que se interpõem e interpelam o próprio dizer. São reveladores de estratégias de construção de sentidos geradas no processo de interação em que os sujeitos se instituem e deixam marcas linguísticas carregadas de historicidade, ideologias e posicionamentos, logo, o *topos*<sup>6</sup> impõe-se por meio da intersubjetividade entrecruzada por aspectos sócio-culturais e históricos e atravessada por interdiscursos.

Maingueneau (2010) faz parte do grupo de pesquisadores que agrega sentidos para a análise do *topos* discursivo na contemporaneidade e apresenta sua hipótese de pesquisa, especificando características atribuídas a esses lugares denominando-os de *tropismos*, *atopia*, *paratopia* e a *mimotopia*.

Os *tropismos* são discursos que guardam certas semelhanças com os discursos constituintes (religioso, literário, filosófico e científico), seja por sua temática ou por seu alcance, mas não podem se autolegitimar como, por exemplo, os discursos políticos que atingem a coletividade. A *atopia*, por sua vez, revela um “não-lugar” próprio de discursos à margem da sociedade, como o discurso racista, por exemplo. Já a *paratopia* é o lugar do *pertencimento* e o *não pertencimento*, a impossível inclusão em uma “*topia*”, está intimamente relacionada aos discursos constituintes e ao processo de criação. Em uma análise sobre lugares *paratópicos*, é preciso verificar que os enunciadores e/ou co-enunciadores, de alguma forma, assumem o posicionamento de alguém que se encontra em um lugar que não é o seu; a *paratopia* afasta esse alguém de um grupo (*paratopia de identidade*), de um lugar (*paratopia espacial*) ou de um momento (*paratopia temporal*) e ainda há as *paratopias linguísticas*, cruciais para o discurso literário, que caracteriza aquele que enuncia em uma língua considerada como não sendo, de certo modo, sua língua. (Maingueneau 2008).

Maingueneau (2010: 170) reflete ainda sobre a *mimotopia*, pertencente ao discurso publicitário que “duplica, em simulacro, o conjunto de todos os outros, simultaneamente localizado e ilocalizável” na tentativa de uma *mimesis* que represente uma realidade que leve a adesão ao que é dito. Seguindo essas possibilidades de análise trazidas pelo autor como unidades de análise, muitos estudiosos atualmente analisam o discurso da negritude, o discurso racista por esse viés, bem como,

---

6 A palavra *tópos* (plural *topoi*) foi emprestada do grego. Ela corresponde ao latim *locus communi*, de que resultou lugar comum. (1) Fundamentalmente, *um tópos* é um elemento de uma tópica, sendo uma tópica uma heurística, uma arte de coletar informações e fazer emergir argumentos. (2) Um *tópos* é um esquema discursivo característico de um tipo de argumento. A época contemporânea juntou novas acepções a esses sentidos de base (Charaudeau; Maingueneau 2004: 474).

as *paratopias* e *atopias* que envolvem esse dizer, ampliando e tensionando essas hipóteses de pesquisa *mangueneanas* por entenderem que há lugares discursivos de outra ordem que podem, por exemplo, representar a identidade, a alteridade, testemunho, a investigação, entre outros.

Isso porque, de certo modo, a cena de enunciação do caso Georg Floyd se articula como uma embreagem discursiva que transforma a cena de enunciação do discurso jornalístico e do discurso político (*tropismos*) em mote para um movimento político funcionando quase como publicidade institucional e adquirindo, assim, características *mimotópicas* a serem analisadas mais à frente.

Esses diferentes lugares fazem parte de quadros cênicos, cujas as características revelam muito sobre os sujeitos e seus conflitos e nos interessam em particular, na medida em que as cenas de enunciação que se revelam no caso Georg Floyd, ao mesmo tempo em que demonstram características discursivas desses lugares, desvelam racismo e resistência social.

A tópica social que carrega a historicidade de um racismo estrutural e estruturante, assim, se evidencia na tópica discursiva que demonstra as tensões intersubjetivas e as relações de poder socialmente instituídas, bem como a relação entre gêneros do discurso e meio de circulação, uma vez que a cena do assassinato vai se transformando no meio de circulação e sendo reconstruída.

Na sociedade de um modo geral, discursos fundadores carregam o poder semântico e a historicidade necessários para manter um arquivo ou memória também necessários, isto é, na constituição social revelam-se também discursos constituintes.

Os discursos constituintes têm a seu cargo o que se poderia denominar o *archeion* de uma coletividade, termo que associa o trabalho *de fundação* no e pelo discurso, a determinação de um lugar vinculado com um corpo de *locutores consagrados* e uma elaboração *de memória* (Maingueneau 2006: 61).

Segundo o autor, os discursos constituintes são: o religioso, o filosófico, o científico e o literário. São discursos essencialmente *paratópicos* que se autolegitimam e legitimam posicionamentos dos sujeitos. Sua “constituência” é também motor de legitimação das diferentes formações discursivas, dos lugares do dizer e de uma memória discursiva, assim, quando um discurso tem características aparentemente semelhantes, temos *tropismos* ou sombras.

Os sujeitos relacionam-se aos lugares do dizer de forma intrínseca e extrínseca, ou seja, aquele que fala, aquele a quem se dirige o dizer e aquele que é o assunto do dizer, alternando-se em marcas enunciativas embreantes e debreantes, identificadas linguisticamente e demarcadas sócio-historicamente, contudo, esse movimento discursivo, quando aplicado à enunciação, não se restringe somente à relação “dentro e fora”, mas a lugares que estão interseccionados e para-seccionados na interlocução, pois, como lembra Maingueneau (2010), há o conceito de “não-pessoa” apresentado no aparelho formal da enunciação de Benveniste (2005), que não se relaciona diretamente ao sujeito enunciativo, característica essa que denota, por consequência, um não-lugar do dizer. As cenas a serem analisadas, enquadram-se nesses “entre-lugares” e carregam características de um tropismo a ser explorado.

## 1.2. *Tropismos* como uma forma de sentir os espaços do dizer

Um *tropo* retórico é uma estratégia em que o sentido literal da palavra é alterado por outro, gerando novos efeitos de sentido, não por acaso, vem do grego *tropos* que significa “volta”, “movimento” ou

“desvio”. Discursivamente, a utilização de um *tropo* não significa somente uma alteração enunciativa, mas também e, quase sempre, uma estratégia linguística que gera diferentes efeitos de sentidos entre os interlocutores para garantir aquilo que é dito, reafirmá-lo e conseguir adesão dos interlocutores e coenunciadores.

Maingueneau (2010) nomeia o discurso político como um tropismo, porque apresenta um estatuto ambíguo e complexo, uma vez que também carrega uma memória discursiva e estabelece posicionamentos de sujeitos, contudo, não pode se autolegitimar e travam uma luta com os discursos constituintes nos quais se apoia, são discursos que apresentam movimentos potenciais *paratópicos* de um criador, mas não são totalmente *paratópicos* por buscarem na realidade e em outros discursos suporte para a construção de seus argumentos.

Sanguin (2016: 38), levando em consideração que “uma língua é uma maneira de pensar e sentir um espaço”, faz uma análise sobre a evolução da Geografia Política e, ao se referir às minorias étnicas, utiliza o termo *tropismo* para análise do espaço político e teoriza as três dimensões das minorias étnicas (dissimetria, assimilação e autonomia), dizendo que

As minorias evoluem sob dois tropismos políticos: de um lado, o tropismo intrusivo, centrado sobre o reconhecimento, o acesso e a participação, de outro, o tropismo exclusivo, centrado sobre a separação, a autonomia e a independência (Seguin 2016: 38).

Embora de outra área de saber, trazida a analogia de Seguin (2016) para AD, é nessa relação com os espaços do existir que se consolidam as enunciações e que as relações de poder entre supostos dominantes e supostos dominados ocorrem, assim, o *tropo* enunciativo se estabelece não somente no tipo de discurso, mas também na tópica social em relações de poder que estão presentes nas cenas de enunciação, inclusive, na delimitação do olhar para aquilo (ou aquele que) é considerado “minorias étnicas”.

Posto isso, podemos considerar com Foucault (1984) que há *tropismos* na relação poder/saber, corpo/sociedade, pois,

o que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir. (Foucault 1984: 7)

E dessas relações entre diferentes lugares do dizer também se impõem entre-lugares de onde demandam a resistência.

### 1.3. Entre-lugar e discurso da resistência: todas as vidas importam (?)

Pensar em discurso da resistência automaticamente leva a pensar em uma postura política social e ideologicamente demarcada frente a contradições, porém, quando nos referimos a determinados lugares do dizer, a própria existência dos sujeitos e sua cotidiana (re)existência e resignificação já se configura em ação de resistir ao que lhe é imposto por estigma ou por preconceito, assim,



reafirmar sua existência, cotidiana e incansavelmente, implica resistir. É o caso do sujeitos pertencentes ao grupo de *LGBT+queer*; das mulheres, dos negros, deficientes físicos e diferentes grupos que precisam lutar por direitos básicos e, para quem, o processo democrático não costuma ser tão democrático e esse movimento potencial de resistência torna-se marca de um lugar do dizer dos sujeitos enunciativos.

Desse modo, analisar “discurso da resistência” e construir respaldo teórico para isso, requer ter consciência de que resistir significa enfrentamento não somente de ideias, mas também de sujeitos empíricos e enunciativos. Do mesmo modo, é a voz desses sujeitos dentro dos enunciados e das cenas de enunciação que nos interessam aqui. Segundo Davis (2015: s/n) “Se todas as vidas importassem, nós não precisaríamos proclamar enfaticamente que a vida dos negros importa.”<sup>7</sup>

Para Foucault (1984) a resistência se dá por meio de lutas locais não como forma de reforma ou reorganização, mas como forma radical de oposição entre poderes.

Tais lutas são lutas de classe. Conforme defende Davis (2016) raça é a forma como você vivencia sua classe e, para resistir, é preciso perceber a inter-relação entre raça, classe e gênero, logo, ter consciência de que o povo negro traz em si as marcas de uma historicidade carregada de estigmas e preconceitos relacionados à cor de sua pele, não é mero aconselhamento, ideologia ou posicionamento, mas é o que conceitua seu corpo e sua existência sócio-cultural e é o que incomoda e causa o enfrentamento social por parte de racistas assumidos ou não.

Já Bhabha (1998) entende a resistência por meio de uma visão cultural, como um hibridismo entre forças que se (re)-articulam ou traduzem elementos que não são nem o Um, nem o Outro, nem colonizado, nem colonizador, mas o Outro que é algo mais que contesta de forma híbrida o território de ambos para alcançar o seu lugar na diversidade cultural. Para ele,

a diferença cultural é um processo de significação através do qual enunciados sobre ou em uma cultura diferenciam, discriminam e autorizam a produção de campos de força, referência, aplicabilidade e capacidade” (Bhabha 1998: 34).

E é nos campos de força que se encontram o discurso da resistência. Assim, na cena de enunciação a ser analisada, o discurso da resistência surge em um entre-lugar político e, aos poucos, vai se configurando em manifesto, uma vez que os sujeitos têm em seu corpo a representatividade necessária para as condições sócio-históricas num processo de (co)criar, (re)criar e (re)existir para ressignificar.

## 2. O corpo excluído na co-criação de espaços de enunciação

“Há pelos menos duas maneiras de considerar a relação entre a escrita e os excluídos”, assim Bosi (2002) inicia o capítulo *A escrita e os excluídos*. O autor completa que a primeira maneira é a que considera o “excluído” um objeto da narrativa literária e a segunda é aquela que *o excluído é o sujeito do processo simbólico*. O posicionamento do autor reflete sobre formas de construção de um enunciado

---

7 Em discurso feito na Universidade de San José nos Estados Unidos em 2015.

- literário, diga-se - a partir da centralidade dos sujeitos à margem. Sujeitos cujas existências foram distinguidas dos que estão no centro. Neste artigo, partimos da observação de que alguns corpos têm existência permitida apenas do lado de fora de uma fronteira, são, desse modo, os excluídos e, por isso, são pré-condicionados a erigir enunciados e eventos, a partir da *singularidade* de seus corpos.

Assim, nesta seção discutiremos *o corpo do excluído* como materialidade que funda as condições sócio-históricas e culturais da produção enunciativo-discursiva de inúmeros discursos, não somente o literário. Para tal, focaremos no corpo negro do sujeito George Floyd, brutalmente executado pelo corpo branco do policial norte americano Derek Chauvin em maio 2020.

Costumeiramente, ao pensarmos em condições de produção no que tange às análises orientadas pelo Texto e Discurso, somos levados a crer que essas condições são um traço sincrônico da produção enunciativa, ou, em algumas perspectivas da Literatura, uma acepção sobre a vida empírica de um sujeito autor. Aqui, tomaremos o corpo físico dos sujeitos envolvidos em um evento como condição de produção. Isso implica aceitar que esses corpos físicos são entrecortados por elementos historicamente delineados e, desse modo, não estamos tratando apenas de elementos concretos ou abstrações, mas de corpos arrolados em sua materialidade que é, num só golpe, concreta, semiótica, social, histórica e cultural, unindo língua/sujeito/história no processo de enunciação.

Nesse sentido, associamos à proposta de Bosi (2002) uma terceira maneira de relacionar escrita e excluídos: uma que considera o corpo excluído a base eventual capaz de ancorar uma oportuna produção de discursos como sua condição sócio-histórica e cultural de produção. Nessa sequência, nossa proposta busca a observação da materialidade que associa um corpo excluído como conclamação a produções discursivo-enunciativas que resgatam a exclusão e a ressignificam em resistência.

Eventualmente, consideramos que “todo” corpo pode fomentar a construção enunciativo-discursiva. No entanto, é no *corpo desviante* das normas pré-conceituadas e preconcebidas contra quem se impõem a narrativa, a explicação, o exame, a justificativa para os eventos.

O “eu” não se separa da matriz prevalecentes das normas éticas e dos referenciais morais conflituosos. Em um sentido importante, e essa matriz também é a condição para o surgimento do “eu”, mesmo que o “eu” seja simplesmente o efeito ou o instrumento de algum *éthos* prévio ou de algum campo de normas conflituosas ou descontínuas. Quando o “eu” busca fazer um relato de si mesmo, pode começar consigo, mas descobrirá que esse “si mesmo” já está implicado numa temporalidade social que excede suas próprias capacidades de narração; na verdade quando o “eu” busca fazer um relato de si mesmo sem deixar de incluir as condições de seu próprio surgimento, deve, por necessidade, tornar-se um teórico social (Butler 2017: 18).

O corpo desviante das normas subjacentes à História, são entrecortados discursivamente por uma relação de violência entre o corpo dos socialmente aceitos como “normais” e o “corpo dos desviantes”, e nesse espaço de tensão se constituem fagulhas que corroboram, de modo profícuo, a produção discursiva.

Assim, considerar o que estamos chamando de corpos desviantes, ou *o corpo do excluído* é uma possibilidade de análise significativa para compreender as relações instáveis de poder. Para além do senso comum, o corpo desviante é aquele que não cumpre a norma, o corpo que porta um traço eventual ou imediatamente visível e que, por conta desse traço, tem sua identificação com o espaço enunciativo comprometida.

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias: Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com “outras pessoas” previstas sem atenção ou reflexão particular (Goffman 2012: 05).

Consecutivamente, parece-nos razoável dizer que a ideia de “corpo excluído” pressupõe a ideia de “corpo incluído” e, enquanto esta é a referência da norma, aquela é a cisão, a ruptura. Para prosseguir, portanto, é necessário dizer o que se considera um lugar.

Deslocamos a noção de lugar da Geografia - a paisagem - para a noção de lugar de enunciação. O espaço compartilhado entre sujeitos enunciadorees determinados por práticas sociais reconhecidas por estes. Estamos diante “da categoria de *gênero de discurso*, entendido como instituição de fala, dispositivo de comunicação sócio-historicamente determinado” (Maingueneau 2015: 66).

Esse deslocamento nos assegura entender que alguns gêneros do discurso garantem a participação de corpos ditos “normais” e que, conseqüentemente, excluirão todos aqueles que desviam de suas normas. Contudo, o corpo desviante poderá ser, para algumas produções enunciativas, a base eventual de produção, como sua condição de produção.

## 2.1. O corpo excluído como condição de produção

Em trabalhos de AD é comum observarmos a descrição de condições de produção como pano de fundo de produções enunciativas. Sendo a garantia de que existe uma rede manifesta pelo primado do interdiscurso que garante a produção do enunciado estudado; as condições de produção revelam os liames historicizados que sustentam a enunciação.

Nessa investigação, como mencionado, o corpo do excluído é conclamado como condição de produção (CP) e essa acepção é sustentada a partir do entendimento de que a AD é interdisciplinar e está orientada pela análise de unidades tópicas e não tópicas.

Uma distinção se impõe naturalmente entre dois tipos: as unidades que chamaremos de *tópicas* [...], de alguma forma dadas, pré-cortadas pelas práticas sociais, e as que chamaremos *não-tópicas*, construídas pelos pesquisadores (Maingueneau 2015: 66).

Considerada a abertura dada por Maingueneau (2015) ao dizer que as unidades *não-tópicas* são construídas pelos analistas, reconheceremos que o corpo excluído será o evento sócio-histórico e cultural capaz de fertilizar e receber vasta produção enunciativa como sua origem sem, no entanto, o sê-lo em definitivo.

A capacidade de receber essas produções como origem se deve ao evento em torno do corpo que reforça a exclusão; no caso de George Floyd, o assassinio pelo agente branco do Estado norte-americano. No entanto, o ato do agente não é o primeiro dado ao corpo excluído, mas a repetição que confirma a exclusão, por isso essa imbricação histórica, social e cultural reverberou vasta produção enunciativa como consequência.

No entanto, é necessário, ainda, distinguir as CP das condições de situação do discurso. Estas são os contextos imediatos, o tempo, o dia, a sincronidade de eventos que possibilitam a enun-

ciação. As CP são “o lugar onde se opera uma *psicologização* espontânea das determinações propriamente históricas do discurso” (Courtine 2014: 51)

Ao considerarmos, portanto, o corpo de George Floyd uma CP, não estamos associando apenas o evento que seu assassinio é, mas a pungente rede interdiscursiva que o evento faz emergir e corroborar. Deste modo, é sensato afirmar que a violência ética<sup>8</sup> em relação aos corpos excluídos é parte historicizante da materialidade discursiva e, outra, é o evento marcado pela covardia e despreparo do agente Derek Chauvin.

O choque entre o processo histórico garantido pelo *Estado de exceção*,<sup>9</sup> aliando ao evento do assassinio, é senda para a produção de inúmeros enunciados que se erguem desse evento.

## 2.2. Um corpo negro no chão imobilizado por um corpo de policial branco como condições de produção do discurso

É consenso que a AD apoia-se ao levantamento das CP para operar seu processo teórico-metodológico. Desse modo, a identificação das CP de produção pode ser considerada de algum modo condição *sine qua non* de análises da disciplina, mas essa base interdisciplinar não passa incólume à crítica, uma vez que apoiar-se a um arcabouço interdisciplinar pode ser visto como uma espécie de mancha metodológica, ou, ainda, indicar um processo analítico inconsistente, construído para satisfazer os desejos oriundos do posicionamento do analista.

Muitas dessas críticas advêm da dificuldade do enquadramento da AD como uma disciplina estruturalista. A AD nasce, pois, da confluência, sendo uma disciplina de fronteira, não dos campos definitivamente estruturados. Essa confluência - e a crítica -, não é um evento novo pelo qual os analistas do discurso têm de responder. Nas palavras de Orlandi (2003), precursora da disciplina no Brasil,

Nos anos 60, a Análise de Discurso se constitui no espaço de questões criadas pela relação entre três domínios que são ao mesmo tempo uma ruptura com o século XX: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. [...]

A análise de discurso, trabalhando na confluência desses campos de conhecimento, irrompe em suas fronteiras e produz um novo recorte de disciplinas, constituindo um novo objeto que vai afetar essa forma de conhecimento em seu conjunto: este novo objeto é o discurso (Orlandi 2003: 19-20).

Alojada na Linguística sem pertencê-la por inteiro, a AD se marca como disciplina ocupada em identificar o seu objeto, o discurso. Assim, o discurso é compreendido como prática social marcada,

8 O Termo está em BUTLER, J. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2017.

9 O termo é apreendido por Mbembe em *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Trad. Renata Santini. Rio de Janeiro - UFRJ, 2018.

inextricavelmente, pelos sujeitos que se relacionam por meio dele, pela materialidade linguageira pela qual ele se manifesta e pelas suas CP, marca que não pode ser confundida com o contexto imediato, ou com a história do sujeito enunciador, mas no levantamento de dados historicizantes que dão ao discurso sua condição de existência.

Levanta-se, sobre esse entendimento da CP, outra crítica: a condição de recepção do discurso, que é do analista, é indissociável das orientações do posicionamento deste, o que, em tese, tornaria a CP uma busca para observar numa materialidade discursiva qualquer interesse de posicionamento individual à revelia de processos metodológicos. Se confirmado, esse fato seria bastante para politizar a AD e fazê-la, em últimas consequências, panfletária.

Embora o argumento recaia com *mão de ferro* sobre os analistas do discurso, qualquer disciplina dentro do escopo das Ciências Humanas terá de responder constantemente sobre a impossibilidade de se executar qualquer exame metodológico “neutro”, pois a “neutralidade” poderia revestir projetos de pesquisa de uma capa resistente às críticas. No entanto, sabemos que essa discussão já está esgotada.

A CP é um evento entrecortado por inúmeros outros eventos, mas que, em dada conjuntura, adquiriu *status* de base para alguns enunciados que a mencionam como acontecimento ou que surgem dela como acontecimento enunciativo-discursivo. Desse modo, ela é capaz de ser ponto de partida para produções científicas que podem estar sitiadas na História, na Sociologia, na Antropologia ou, no caso de nossa pesquisa, na AD.

Por consequência, ainda que se possa acusar de “ideologizado” o estudo que se debruça sobre o evento do assassinio em Mineápolis, não se pode negar o fato que aconteceu e que será ponto de partida para reflexões de uma profusão científica que nem sempre concordará, mas que entenderá, todavia, que se trata de uma condição de partida que tem potencial para ajudar a compreender fenômenos variados.

Assim, aceitamos que as CP são negociáveis no sentido que se pode associar a um evento de inumeráveis projetos de pesquisa, metodologias e, por consequência, resultados. No entanto, são inegociáveis na medida em que se observa a relevância de um fato eventual nos relacionamentos que se organizaram no quadro cênico.

Em nosso caso, entendemos que o assassinato de George Floyd não iniciou fatos ou os encerrou, mas que se trata de um evento concreto, histórico, semiótico, entrecortado por inúmeras tensões sociais e, por conseguinte, ancorou certa energia dos *tropismos* dos discursos. É o que pasaremos a analisar e expor.

### 3. Metodologia

A pesquisa é qualitativo-interpretativa, pautada na Análise do Discurso, considerada em seu âmbito interdisciplinar. Para isso, utilizamos como *corpora* as manifestações discursivas no caso George Floyd dentro do grande movimento *Blacklivesmatter* e fizemos o recorte em 07 (sete) cenas de enunciação propagadas no ápice da divulgação entre 20 de maio e 20 de abril de 2020. Para a delimitação dos *corpora*, utilizamos como direcionamento as unidades de análise relacionadas aos lugares do dizer e CP, a partir dos princípios teóricos já explanados.

## 4. Georg Floyd: uma análise da *atopia* à *tópica* social

### 4.1. O extermínio e a tortura como parte de uma cruel memória discursiva: movimento de análise I<sup>10</sup>

[Caso George Floyd: morte de homem negro filmado com policial branco com joelhos em seu pescoço causa indignação nos EUA [Título da Notícia – Enunciado 2]

FBI investiga morte em Minneapolis; vídeo filmado por testemunha mostra George Floyd, de 40 anos, imobilizado no chão, dizendo ‘não consigo respirar’, enquanto policial mantém joelho sobre seu pescoço. [Lead – Enunciado 3]

Imagem presente no vídeo que viralizou extraído e usado pelo site G1 – [Enunciados/Enunciação 1]

#### FIGURA 1

*Frame* de vídeo em que George Floyd é imobilizado pelo joelho do policial norte-americano Derek Chauvin.



Vídeo foi publicado nas redes sociais na manhã de terça-feira — Foto: Darnella Frazier/BBC

10 Chamaremos de “movimento” de análise, porque os lugares do dizer envolvem movimentos potencialmente instituídos na enunciação, conforme reitera Maingueneau (2010), assim, nossa interpretação é também um movimento.

11 Disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/05/27/caso-george-floyd-morte-de-homem-negro-filmado-com-policial-branco-com-joelhos-em-seu-pescoco-causa-indignacao-nos-eua.ghtml>. Acesso em: 06 jul. 2020.

A cena de enunciação instaurada pela imagem [Enunciado/Enunciação1] ativa na memória discursiva as inúmeras cenas de crueldade e violência vividas pelo povo negro, retratadas pelas Artes e por diferentes áreas de estudos da História Mundial. A dissimetria estabelecida por um corpo negro prostrado no asfalto repetindo a frase “*I Can ’t Breathe!* Eu não posso respirar” [3] renova e replica o discurso racista estrutural, tanto por meio do discurso do silêncio instaurado quanto na postura do policial e no silêncio dos observadores (apesar do registro do filme, não há mobilizações visíveis contra a ação policial).

Esse silêncio e a violência associados à forma como foram construídas as manchetes [morte de homem negro filmado com policial branco com joelhos em seu pescoço *causa indignação nos EUA*] [2] denotam as forças sociais antagônicas necessárias para restauração de um discurso político de resistência. Quem está indignado nos EUA? Há um espaço político geográfico, cujas condições históricas permitem essa indagação e essa indignação e há um lugar do dizer que pode e deve ser restaurado pela análise. Há nesse ato de enunciação um claro sectarismo racial, o racismo institucional revelado pela cena, demonstra o discurso atópico.

De que lugar falamos? O espaço do dizer (atravessado por questões sociais, históricas e políticas relacionadas ao espaço empírico), criando um discurso cuja construção constrói outro lugar do dizer em que o corpo, ainda que sujeito à crueldade, adquire a representatividade simbólica e histórica de uma população e, ao mesmo tempo, de um povo, não é mais a tópica, é um entre-lugar, que se dá de forma paratópica, a *paratopia* de identidade, cuja simbologia dá a força ao dizer e à resistência. Maingueneau (2005), conforme citado anteriormente, associa a *paratopia* aos discursos constituintes, aqui consideramos a Filosofia Africana como parte do conhecimento ancestral dos povos africanos, formando parte, assim, de toda historicidade que envolve os sujeitos e constituindo um pensar sobre o ser e o existir, que forma parte de todos os Movimentos Negros, assim, a *paratopia* se dá na cena como parte de um discurso que atravessa a própria existência, reiterando uma característica do discurso jornalístico que reitera-o como um tropismo.

Os enunciados: [*I can ’t breathe, Say his name e Rest in Peace*] sofrem embreagem enunciativa ao integrar no enunciado a carga semântica da coletividade mudando para [*We can ’t breathe, Say our names and Rest in power*] em que o “nós” incorpora a não-pessoa, o entre-lugar e a interdiscursividade.

A força da resistência do lugar empírico cria um lugar coletivo, uma cena de enunciação de resistência universal, um lugar que não é mais político-geográfico (como em [4] que retrata painel de protesto na Síria), mas um lugar que se revolta contra a ideologia dominadora, racista e escravocrata que se perpetua e perpetua ações de violência. Não se trata mais da individualidade cindida e violada de um único sujeito, mas um campo de forças antagônicas, uma guerra, cujo enfrentamento se dá no entrechoque de intolerância x intolerância em prol da sobrevivência, isto é, o dizer reproduz a voz de um sujeito coletivo criador e estabelece o tropismo de um discurso que não é constituinte, mas forma parte da “constituência” histórica.

O tropismo ocorre tanto com cenas de enunciação que se constroem no discurso jornalístico, quanto como cenas de um discurso político que demonstra a manifestação e o protesto de sujeitos que se veem representados por meio da dor do outro e *exigem o reconhecimento, o acesso e a participação social* já instaurados e estabelecidos legalmente, mas não exercidos no lugar de fala, no espaço empírico e no lugar do dizer. Logo, o lugar do dizer desloca-se para esse lugar de luta dialógico e arqueológico, uma vez que a resistência se impõe na enunciação.

## 4.2. A ressignificação do corpo no dizer: “Vidas Importam?”

A cena de enunciação ressignifica o existir e o corpo prostrado no chão. Na cena acima, o corpo adquire não somente identificação relacionada a um sujeito empírico histórica e ideologicamente demarcado por sua tragédia, mas torna-se a representação da identidade de um movimento e, por sua vez, de um grupo. Essa cena vai sendo reconstruída de forma interdiscursiva em diferentes topologias e gêneros discursivos. Essas possibilidades de construção de efeitos de sentido, bem como a identificação de *lugares do dizer* são alicerçados pela violência destinada a um corpo que é negro. No evento midiaticizado, a enunciação das *topias* estão marcadas pela história dos corpos.

### 4.2.1. Movimento de Análise II

[Enunciado/Enunciação 4]

#### FIGURA 2

Grafite de George Floyd, onde se lê “*I can't breathe/ No to racism*” sobre ruínas.<sup>12</sup>



Em [4], o sujeito ao centro corporifica não mais o eu, mas um EU que é TU e é NÓS, a não-pessoa da enunciação, que representa muitos. O sujeito social diante de seu semelhante se vê integrado aos sujeitos massacrados por um sistema, cuja política prevê a morte de negros e pobres. Vidas negras importam para quem? Para quem se vê projetado na dor, na luta e na falta de ar social. O interdiscurso projeta-se dialogicamente no enunciado citado “*I can't breathe*” agora associado à “*No Racism*”.

12 Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/world/2020/06/02/world-george-floyd-protests/>. Acesso em: 01 jun. 2020. Mural de George Floyd criado por Aziz Asmar and Anis Hamdoun (artistas sírios) em protesto contra o racismo na província de Idlib na Síria.



O gênero grafite, entre muitas outras características estilísticas, tem como um de seus elementos o aspecto político-cultural de intervenção artística e social. O cenário projetado entre as ruínas de uma das cidades arrasadas pela guerra e o mural feito no elemento da estrutura que resiste, instaura a semântica global, cujo implícito está na resistência. Retomando Seguin (2016), o sentir e o pensar sobre o significado dessas ruínas como espaço social se imprimem na linguagem artística e intervêm na negociação de sentidos que se dá entre os sujeitos durante o processo de interação, produção e recepção discursivas.

Aqui, o *tropo* discursivo tem força retórica por ativar na memória discursiva a força do enunciado “*I can't breathe*” associado aos demais elementos semióticos que reforçam e possibilitam a adesão para “*No Racism*”, mas também, conforme já mencionado com Foucault (1984), ao ser instituída no cenário de ruínas causados por uma guerra cruel que matou e mata tantos inocentes, negras e negros, todo o quadro cênico remete às relações de poder que interferem em todo o corpo social. O lugar do dizer aqui instaura um “entre-lugar” entre discurso artístico, discurso da resistência, discurso de manifesto e discurso político.

O corpo ganha um rosto identificado interdiscursivamente. A face utilizada como metonímia contribui para a construção do sentido político postumamente atribuído, porém, reforça também na memória a brutalidade e a ausência de um corpo. No caso da figura representada pelo grafite, os elementos da morte são marcados pela enunciação textual “*I can't breathe*”, e na representação do agente de polícia do Estado norte-americano ajoelhado ao fundo. No centro, o corpo negro ressurreto, sustenta a enunciação e a produção de efeitos de sentido.

#### 4.2.2 Movimento de Análise III

[Enunciado 5]

### FIGURA 3

Fotografia de mulher negra segurando um cartaz, onde se lê “*George Floyd's life mattered*”.<sup>13</sup>



George Floyd killing: A pivotal moment in US histo...  
theglobalherald.com

13 Disponível em: [www.theglobalherald.com](http://www.theglobalherald.com). Acesso em: 10 jul. 2020.

“*When will ‘black lives matter?’*” [Quando vidas negras importarão?] [5] Esse enunciado é quase a construção de uma ironia ou de uma pergunta retórica. Corpos negros importam para um sistema capitalista opressor,<sup>14</sup> corpos negros importam nesta cena de dor e morte. Retomando a fala de Davis (2015) essa delimitação à importância de vidas negras só demonstra na cena de enunciação àquilo que se vivencia no espaço empírico, pois, se todas as vidas tivessem socialmente o mesmo valor, o enunciado não faria sentido para ninguém.

Ao reconstruir o cenário com a foto de uma mulher negra segurando o cartaz com o enunciado “*Georg Floyd’s life mattered*” [5], cuja marca elocutiva reforça uma ação passada “A vida de Georg Floyd **importou**” [não importa mais] cria um paralelismo entre o que está posto e os pressupostos que reforçam um *tropismo* social que se manifesta interdiscursivamente, questionando o próprio movimento que não presentifica a situação real de homens e mulheres negras no processo de estratificação social. Quantas mulheres negras são sofrem violência de todo tipo diariamente? Quantas LGBT’s negras são violentadas e assassinadas no mundo? Essas vidas importam ou importaram? Essas vidas importarão? “*When will ‘black lives matter?’*” [5]. O lugar do dizer aqui remete ao tempo e ao espaço do dizer que se encontra sem resposta.

O corpo feminino usado aqui como unidade não-tópica para construção do quadro cênico jornalístico é usado como elemento sensibilizador para causar adesão dos coenunciadores que se identifiquem com a cena, mas aqui se trata de um rosto usado metonimicamente e apagado na multidão, uma face sem nome, sem identidade que questiona seu tempo e seu lugar social. O caráter de não identificação da mulher, explora a negritude como marca da identidade que, nesse caso, se volta ao grupo. Por outras palavras, os *lugares do dizer* parte da CP eventual, para a CP historicamente marcada.

#### 4.2.3 Movimento de Análise IV

[Enunciado 6]

#### FIGURA 5

Meme onde se lê “*Rest in power (5X). Justice for Floyd.*”<sup>15</sup>



REST IN POWER GEORGE FLO...  
teepublic.com · Em estoque

14 O termo aqui carrega um aspecto teórico-filosófico trazido por MBEMBE em *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Trad. Renata Santini. Rio de Janeiro - UFRJ, 2018.

15 Disponível em: [www.teepublic.com](http://www.teepublic.com). Acesso em: 10 Jul. 2020.

O enunciado [*Rest in power. justice for Floyd*] [6] não somente reincorpora a mimotopia de uma cena de enunciação pertencente a uma espécie de propaganda institucional, mas se revela a partir de um interdiscurso que não é somente a marca no enunciado de um intertexto [*Black Power*], mas é principalmente a marca no processo de enunciação de um movimento negro engajado que já se corporificou como político, histórico e filosófico, o que faz dele um multiverso discursivo. Mas a qual instituição ele pertence? À instituição negada pelo olhar eurocentrista e erigida por um lugar de direito, o lugar da voz (*tópico* e *paratópico*) e não mais atópico (onde está o discurso racista negado pela hipocrisia social); à instituição que pôs em prática o paradoxo da tolerância<sup>16</sup> e criou na luta ideológica e política no espaço empírico um lugar de fala e um lugar de dizer de protestos e manifestos; à instituição que expõe o discurso constituinte da diáspora, assume-o e ressignifica-o para ser ressignificado pelo grupo que não aceita mais ser tratado como minoria e não aceita mais ter direitos negados.

A “paródia” criada com o enunciado *rest in Peace*, reconhecido como uma forma de condolência, aproxima o enunciado “*Rest in power*” à CP, atualizando o sentido funéreo para o da luta de um grupo.

#### 4.2.4 Movimento de Análise IV

[Enunciado/Enunciação 7]<sup>17</sup>

#### FIGURA 4

Print screen de página do *The Guardian* sobre os protestos relacionados à execução de George Floyd.<sup>17</sup>



16 Fazemos aqui referência ao “paradoxo da tolerância” proposto por Karl Popper em seu livro “*Open Society and its Anemies*” publicado em 1945 aplicado à comunidade negra que já não pode mais, não suporta mais ser sufocada e nem deve aceitar o racismo como mera intolerância, muito menos tolerar o racismo, por isso, essas ações refletem o direito a autopreservação.

17 Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2020/jun/01/george-floyd-protests-editorials-worldwide>. Acesso em: 10 jul. 2020.

Em toda produção discursiva consecutiva à CP experimentada, o corpo negro de George Floyd é representado, quer em enunciados orais, quer em representações intersemióticas, este corpo é o que orienta a produção enunciativo-discursiva. Em [7], o corpo que se espelha na *mimotopia* de um discurso da resistência que se institucionaliza globalmente por meio de uma organização, se traduz novamente em uma espécie de propaganda político-institucional de resistência. Se por um lado, o rosto e os nomes escritos atrás da imagem dão a ideia de identidade, por outro, são apenas identificações que reiteram o genocídio e a necropolítica. A imagem do sujeito diante do mural sem rosto, apenas revela a possibilidade de multiplicação da história e da História.

Além disso, representações da CP ora são expostas para descrever e expor o evento, ora para atualizá-las em resistência de um grupo [1 a 7]. Nos enunciados [1,2 e 3], onde há a exposição e descrição, vê-se o surgimento de uma cenografia do jornalismo, cuja representação do corpo atualiza o evento, o assassinio, a morte de um sujeito ou, ainda, o assassinato como ponto de inauguração dos protestos. Nesses casos, a morte do excluído é o evento que justifica a produção da enunciação na qual prefere-se a utilização de imagens que figurem um corpo fotografado e enunciados, semioses que intervêm na enunciação, que descrevam esse corpo e constroem a cena como no enunciado [2].

Nos enunciados [4 e 5], quando há a atualização, o enunciado descrito como as últimas palavras ditas pelo corpo do excluído *I can't breath* é evocado e atualizado. Apoiada à lógica do sufocamento, a comunidade que se reconhece como a dos corpos desviantes repete-a como grupo. Desloca-se a noção do sujeito empírico individual representado na enunciação, para a noção de corpo coletivo, de sujeitos que figuram à margem e, por isso, o enunciado *I can't breath* aparece como metáfora. No caso desses discursos, os elementos do corpo também aparecem, mas o corpo que se representa é de um sujeito vivo. O sujeito vivo, negro e que tem o enunciado associado à resistência por meio da cenografia de protesto. Em [6], a mensagem de pêsames se transforma em símbolo, mas também como discurso replicado e atualizado (como os demais) pelo próprio sistema capitalista que replica essas mensagens em objetos a serem vendidos e veiculados, assim, *a mimotopia* cumpre seu papel em diferentes instâncias e mercantiliza a morte.

Lugares do dizer, são constituídos enunciativamente, de modo a reajustar os excluídos ao lugar de inclusão e pertença que é do protesto. No entanto, no discurso jornalístico, o corpo do excluído é o evento sobre o qual se fala, como ponto de partida para inúmeros outros eventos que validam o lugar dessa cenografia. Em ambos, o corpo negro imobilizado pelo corpo branco é a CP.

Em todos os processos de enunciação [1 a 7], há o desmembramento e a ocultação de identidades e corpos, cuja resistência se dá diariamente não somente nos Estados Unidos, mas em toda a América, por meio de enunciados, lutas e silêncios de sujeitos empíricos que se manifestam nas construções de sentido em produções discursivas.

## Considerações finais

A força discursiva de resistência forma parte do discurso Filosófico ancestral constituinte da História do povo negro. Analisar o caso Georg Floyd implicou verificar os diferentes lugares do dizer ocupados pelos sujeitos enunciativos que constroem cenas de enunciação nas quais estão presentes o discurso da resistência e o discurso de manifesto.

Demonstramos com essa análise que o corpo negro carrega em si as condições sócio-históricas que implicam na construção identitária de lugares sociais de fala que se refletem no lugar do dizer.

Chamamos de lugar do dizer, os movimentos potenciais do/no discurso que contribuem para a construção de sentidos, consoante Maingueneau (2015), observamos que nas cenas de enunciação encontramos tanto atopias, quanto *paratopia* de identidade, *atopias* e *mimotopias* e verificamos algumas características do discurso jornalístico e do discurso político considerados como tropismos.

Esses “entre-lugares” reveladores de tropismos que denotam forças sociais e lutas entre saberes e poderes, conforme Bhaba (1998) e Foucault (1984 e 2000).

Nesses lugares sociais, a memória discursiva arqueológica instituída pela luta do Movimento *Black Power* se desvela no Movimento *Black Lives Matter*, na medida em que o interdiscurso demonstra um lugar paratópico de identidade político-filosófica com o movimento.

Assim os discursos que reverberaram após a execução de George Floyd em Minneapolis, ancoraram-se ao evento como marca, mas essa marca estava entrecortada pelos detalhes da reconstrução da cena: um corpo negro imobilizado, mencionando a falta de ar que sentia, enquanto um corpo branco de um policial usa o próprio joelho contra o pescoço do primeiro.

Esse evento, associado ao plano sócio-histórico pelo qual é perpassado, deu condições para a criação de inumeráveis enunciados, alguns deles foram observados nesse artigo como recorte. Esses permitiram-nos observar que a desestabilização do corpo excluído pelo processo de racismo estrutural formou parte de diversos tropismos. Em particular, poderíamos citar aqueles que construíram cenografias do jornalismo e do protesto. No primeiro caso, a cenografia do jornalismo, o corpo é o evento que é explorado pelo enunciado. No segundo, o corpo e o evento são tratados como metáfora, diluindo a noção de sujeito, para a noção de grupo, que atualiza o enunciado da margem para o centro, agente de protestos.

Entendemos que nosso artigo é parte de um empreendimento de pesquisa que está em andamento esse trata de uma contribuição à área dentro dos limites que o gênero permite. Nasce das inúmeras reflexões acerca da AD no contexto brasileiro e da problemática causada pelos *corpora* emergentes nas telecomunicações da nossa contemporaneidade. Entendemos que os *corpora* escolhidos trazem à baila questões sociais complexas que precisam ser tratadas e reveladas também no espaço acadêmico-científico, pois, se compararmos a reverberação do caso no mundo e a reverberação de inúmeras mortes de homens, mulheres, jovens e crianças negres no Brasil no mundo, perceberemos que ainda há muito o que ser feito e que a luta dos Movimentos Negros locais enfrenta ainda sérios preconceitos e confrontos sociais, culturais, políticos e discursivos, haja vista a reportagem do Programa Fantástico que foi ao ar em 12 de julho de 2020 com um vídeo que mostra Policial Militar pisando no pescoço de uma mulher negra em que o corpo do opressor reproduz a cena em um corpo excluído aqui analisada e a repercussão e reverberação por parte da população não sai da tópica social racista e mantém a atopia discursiva.

## Referências bibliográficas

BENVENISTE, E. 2005. *Problemas de linguística geral I*. Trad.: M. G. Novak; M. L. Neri. 5. ed. Campinas: Pontes.

- BHABHA, H. K. 1998. [Disponível na internet em <http://pt.scribd.com/doc/57777015/Bhabha-Homi-K-O-Local-Da-Cultura#scribd>]. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG. [Consulta: 05 de dezembro de 2014].
- BOSI, A. 2002. *Literatura e Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras.
- BUTLER, J. 2017. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica.
- CHARAUDEAU, P. e MAINGUENEAU, D. 2004. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Ed. Contexto.
- COURTINE, J. 2014. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Paulo: EdUFSCar.
- DAVIS, A. 2016. *Mulheres, Raça e Classe*. Trad. Heci Regina Candiani São Paulo: Boitempo.
- FOUCAULT, M. 2000. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes.
- FOUCAULT, M. 1984. *Microfísica do poder*. 4ª. Ed. Rio de Janeiro: Graal.
- GOFFMAN, E. 2012. *Estigma: notas sobre a manipulação da imagem deteriorada*. Trad. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4ª ed. Rio de Janeiro: GEN/LTC.
- HALL, E. T. 1977. *A dimensão oculta*. Rio de Janeiro: Francisco Alves (originalmente publicado em 1966).
- HALL, E. T. 1959. *The silent language*. New York: Doubleday.
- MAINGUENEAU, D. 2010. *Doze conceitos em análise do discurso*. San Pablo: Parábola Editorial.
- MAINGUENEAU, D. 2015. *Discurso e Análise de Discurso*. Trad. Sírio Possenti. 1ª ed. São Paulo: Parábola.
- MAINGUENEAU, D. 2006. *Discurso literário*. São Paulo: Contexto.
- MBEMBE, A. 2018. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Trad. Renata Santini. Rio de Janeiro: UFRJ.
- POPPER, K. 2013. *The Open Society and Its Enemies*. Em *The Spell of Plato, 1945* (Routledge, United Kingdom): Princeton Ed.
- RIBEIRO, D. 2017. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento.
- SEGUIN, A-L. A. 2016. [Disponível na internet em <https://cutt.ly/lpNTfkd>]. *Evolução da Geografia Política*. Em A. C. P. da Silva. (Org). *Geografia Política, Geopolítica e gestão do território: racionalidades e práticas em múltiplas escalas*. Rio de Janeiro: Gramma. [Consulta: 02 de julho de 2020].
- ORLANDI, E. 2003. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes.

**ROSÂNGELA A. R. CARREIRA**

Possui graduação em Letras - Português/Espanhol pela Universidade de São Paulo, mestrado e doutorado em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e MBA em Gestão e Inovação em EaD pela USP. Atualmente, é professora efetiva de Leitura e Produção de Textos da UFG (Universidade Federal de Goiás). É líder do Grupo de Pesquisa Discurso Cultura e Ensino (DICE). Faz parte também do grupo de pesquisa da PUC/SP: Memória e Cultura na Língua Portuguesa escrita no Brasil e Discurso e Cultura (DISCULT). Também iniciou recente Projeto de Pesquisa e Estudos em Linguística Forense e sua relação com AD e criadora do grupo DICE em Rede formado por pesquisadores de diferentes instituições nacionais e internacionais para divulgação científica e uma das criadoras e líderes do GELF (Grupo de Estudos em Linguística Forense).

E-mail: [rosangela.carreira@ufg.br](mailto:rosangela.carreira@ufg.br)

**RAMON SILVA CHAVES**

Doutor em Língua Portuguesa, membro do Grupo de pesquisa e estudo Discurso e Cultura, desde 2010. Pós-doutorando do Programa de estudos pós-graduados em Língua Portuguesa da PUC-SP.

E-mail: [ramon.schaves@gmail.com](mailto:ramon.schaves@gmail.com)